

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/333659174>

Aspetos da Sintaxe do Português Popular Falado no Funchal

Article · June 2019

CITATIONS

4

READS

286

1 author:



[Aline Bazenga](#)

University of Madeira

127 PUBLICATIONS 131 CITATIONS

SEE PROFILE

Aspetos da Sintaxe do Português Popular Falado no Funchal

Syntax Aspects of Popular Portuguese Spoken in Funchal

Aline Bazenga¹

Resumo

A investigação sobre variação sintática nas variedades do português europeu falado no Funchal (ilha da Madeira) só muito recentemente tem vindo a ser desenvolvida, em grande parte graças ao Projeto Concordância, que envolve a participação de investigadores portugueses e brasileiros. No âmbito deste projeto foi criado o *Corpus Concordância*, com 27 entrevistas sociolinguisticamente controladas e que integra o *Corpus Sociolinguístico do Funchal* (CSF). Este artigo, fundamentado nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, na importância das variáveis sociais na variação linguística, em particular, pretende contribuir para a caracterização sintática da variedade do português europeu popular falado no Funchal (ou PEP-Funchal). Os resultados de vários estudos realizados sobre fenómenos sintáticos variáveis – realização pronominal da função objeto direto, concordância verbal de terceira pessoa do plural, a construção existencial com o verbo *ter*, entre outros – mostram uma preferência marcada por usos não-padrão por parte de falantes madeirenses com poucos anos de escolaridade, mais ou menos estigmatizados na comunidade de fala em foco. Esta variedade possui características estruturais próprias, cuja natureza sociolinguística carrega traços identitários, configurados num *português popular madeirense*.

¹ Doutorada em Letras / Linguística Francesa (2004) pela Universidade da Madeira, é docente desta instituição desde 1992. Foi Diretora da Licenciatura em Ciências da Cultura, Presidente do Departamento de Estudos Romanísticos, Vice-Presidente e Presidente da Faculdade de Artes e Humanidades. Investigadora integrada na Equipa de Investigação Dialectologia e Diacronia do CLUL (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa), desde 2005. Colabora ainda com o CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias – Universidade de Lisboa) e com o CIERL-UMa (Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais – Universidade da Madeira), enquanto coordenadora da área de Linguística do Projeto *Aprender Madeira – Dicionário Enciclopédico da Madeira* e do Projeto *ARPOFAMA (Arquivo do Português Falado na Madeira)*, respetivamente. Desde 2010, tem vindo a desenvolver investigação na área da Variação Sintática em Variedades do português, no âmbito da Sociolinguística Variacionista. Das suas mais de três dezenas de publicações são de destacar as mais recentes, sobre aspetos sintáticos do português europeu insular (Madeira). Tem em preparação a publicação de um conjunto de estudos, com o título provisório *Um Português com Açúcar. Aspetos da Sintaxe do Português Falado por Madeirenses (Produção e Perceção)*, e que contará com o contributo de vários investigadores portugueses e estrangeiros. Contacto: aline.bazenga@staff.uma.pt.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista; Variedade Português Europeu Popular do Funchal; Variação Sintática; Ilha da Madeira.

Abstract

Only very recently has research been developed on the syntactic variation in Spoken European Portuguese Varieties in Funchal (Madeira Island). This research is largely due to the Agreement Project (*Projeto Concordância*) which involves the participation of both Portuguese and Brazilian researchers. In this project, an Agreement Corpus, or *Corpus Concordância*, was established, with 27 sociolinguistically controlled interviews which are integrated in the, *Sociolinguistic Corpus of Funchal* (*Corpus Sociolingístico do Funchal*, or *CSF*). This article, based on the assumptions of Variationist Sociolinguistics, in particular the importance of social variables in linguistic variation, intends to contribute to the syntactic characterization of the Popular European Portuguese Spoken in Funchal (or PEP-Funchal). The results of several studies on variable syntactic phenomena – pronominal realization of the direct object function and the variable verbal third-person plural agreement, among others – demonstrate a marked preference for non-standard uses in Madeiran speakers with little schooling, who are more or less stigmatized in the community. This variety has its own structural characteristics, whose sociolinguistic nature carries identity features, configured in a *Madeiran Popular Portuguese*.

Keywords: Sociolinguistic Variation; Popular European Portuguese Spoken Variety of Funchal; Syntactic Variation; Madeira Island.

1. Introdução

A sintaxe do português, tal como outros dos seus domínios, mudou ao longo do tempo. No entanto, algumas variedades do português europeu (PE), sobretudo insulares, exibem traços sintáticos não-padrão, conservadores, tendo resistido à mudança ocorrida em variedades continentais, ou inovadores, enquanto formas sem paralelo naquelas variedades. O uso da variante verbal em -o ([u]), com ou sem traço nasal, de terceira pessoa do plural (3PP) no pretérito perfeito do indicativo (*eles comero*) ou ainda a do verbo *ter* com valor existencial (*onde eu trabalho tem muita gente de idade*) constituem exemplos de formas ainda em uso em variedades do PE falado no Funchal na ilha da Madeira e que remontam a um português medieval, excluídas da norma do PE atual.

Os estudos sobre variação sintática, que têm vindo a ser realizados desde 2010², ano da integração da amostra de dados de fala produzidos por falantes madeirenses

² Os trabalhos sobre fenómenos sintáticos variáveis e que se enquadram numa abordagem sociolinguística e variacionista são os seguintes: VIANNA, 2011, *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*; VIEIRA e BAZENGA, 2013, «Patterns of third person plural verbal agreement», pp. 7-50; BAZENGA, ANDRADE e RODRIGUES, 2016 (no prelo), «Variantes sintáticas (padrão e não-padrão) em Português: representações sociais e atitudes linguísticas de Falantes madeirenses»; BAZENGA, 2017, «A variação entre *ter* e *haver* em construções existenciais numa variedade insular do PE (Funchal)».

do Funchal no *Corpus Concordância*³, põem em evidência a relevância dos fatores extralinguísticos ou sociais – o sexo, a idade e o nível de escolaridade dos falantes – na variação linguística. De entre os fatores acima mencionados, o do nível de escolarização é aquele que se afigura como o que mais atua nos fenómenos variáveis de natureza sintática estudados. Verifica-se uma situação de polarização linguística: os falantes menos escolarizados produzem formas não-padrão, o que não ocorre ou acontece muito raramente em falantes com grau de escolaridade do ensino superior, cuja gramática é mais coincidente com a variedade padrão da língua. Neste trabalho, a variedade falada por falantes do Funchal, capital da ilha da Madeira, analfabetos ou pouco escolarizados, alguns só até ao 9.º ano, será considerada como uma variedade dita popular e urbana, em contraste com a variedade culta, dita das elites, caracterizadas por terem um contacto mais prolongado com a norma padrão veiculada pela escola e pelo uso de formas de prestígio.

A cidade do Funchal, capital do arquipélago da Madeira, e localidade de referência neste trabalho, é atualmente a cidade mais populosa fora do território continental português. A nível nacional, faz parte das sete cidades com uma população acima de 100.000 habitantes (Lisboa, Porto, Vila Nova de Gaia, Amadora, Braga, Funchal e Coimbra, por ordem decrescente) e nas quais se concentram cerca de 14% da população total do país. A cidade configura-se como socioeconomicamente assimétrica. A população de menores rendimentos concentra-se nas freguesias limítrofes, a oeste e a norte. A população rural, em busca de melhores condições económicas e sociais, tem vindo a abandonar os campos e instala-se no Funchal, ocupando a sua periferia. A cidade é ainda atravessada por fluxos permanentes de turistas, que a tornam um centro aberto e multicultural. Apresenta-se, assim, na sua estrutura social, um contraste entre urbanidade, rural-urbanidade e cosmopolitismo, enquanto na sua periferia se observam

³ O *Corpus Concordância* foi criado no âmbito do projeto internacional *Estudo Comparado dos Padrões de Concordância em Variedades Africanas, Brasileiras e Europeias*, iniciado em 2008 e da responsabilidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Brasil, e do CLUL, em Portugal, coordenado por Sílvia Rodrigues Vieira e Maria Antónia Mota, respetivamente. Este *corpus* tem por objetivo estabelecer padrões variantes de concordância, associando-os a variedades e subvariedades (desde o padrão até outras variedades dialetais), o que contribui para determinar diferentes normas/gramáticas em coexistência e em concorrência em cada espaço geográfico onde se fala português. Em Portugal continental, foram recolhidas 25 gravações em Lisboa/Oeiras, 27 gravações no Cacém, cidade-dormitório vizinha de Lisboa, além de 27 gravações no Funchal, na ilha da Madeira, realizadas por estudantes da Universidade da Madeira sob a coordenação de Aline Bazenga, da mesma universidade. As recolhas de dados no Funchal e noutras localidades da ilha da Madeira continuam a ser realizadas, recorrendo à metodologia utilizada no projeto. Este corpus integra o *Corpus Sociolinguístico do Funchal* (CSF), um projeto iniciado em 2012, ainda a decorrer, dedicado à recolha de dados empíricos. Até 2014 tinham sido coletadas cerca de 50 entrevistas, perfazendo um total aproximado de 40 horas de gravações (BAZENGA, 2014, «Corpus of Madeira Island, a Spoken Variety of European Portuguese»), atingindo, em 2018, as 90 entrevistas.

aglomerados sociais com atividades agrícolas de subsistência. À descontinuidade geográfica, definida pela fronteira natural atlântica, associam-se, assim, outras formas de organização social na comunidade urbana em foco, marcada por contrastes sociais, para os quais contribuem, entre variadíssimos fatores, os diferentes graus de contacto com a variedade padrão do PE, ou os níveis de escolaridade (básico, secundário e superior), medidos pelo tempo de permanência na escola – e de contacto com outras variedades e línguas da sua população. Deste fator decorre a hipótese de quanto maior for o nível de escolaridade dos falantes mais a sua forma de falar se aproxima da variedade tida como prestigiante. Inversamente, quanto menor for o nível de estudos, maior será a probabilidade da variedade falada não incorporar as formas padrão transmitidas pela escola. A distinção variedade popular / variedade culta corresponderiam aos dois perfis sociolinguísticos acima descritos. Esta distinção esteve na base, por exemplo, de dois projetos no âmbito das variedades do Português do Brasil: o projeto *Norma Linguística Urbana Culta* ou *NURC*⁴, que reúne amostras de fala de informantes com nível de escolaridade superior provenientes de grandes centros urbanos do Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, São Salvador da Baía, Porto Alegre e Recife), por um lado, e o *Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL)*⁵, cujos trabalhos sociolinguísticos têm por base amostras de fala de informantes pouco escolarizados⁶.

Os dados que sustentam a hipótese de existência de uma variedade popular urbana do PE falado na ilha da Madeira, distinta tanto da variedade culta, associada à elite insular, como das variedades rurais, foram selecionados em vários trabalhos na área da Sociolinguística Variacionista, desenvolvidos a partir de 2010, data em que o corpus de PE falado no Funchal passa a integrar o *Corpus Concordância*, já referido. Estes trabalhos têm por objeto algumas áreas críticas do português, por serem mais sensíveis à variação, nomeadamente os seguintes fenómenos, que foram objeto de investigação: a realização variável da concordância verbal na terceira pessoa do plural (3PP), a variação entre *nós* e *a gente*, a variação entre *ter* e *haver* em construções existenciais, a realização variável do objeto direto (OD) anafórico. Os seus resultados permitem considerar, no seio da variedade urbana insular, a existência de «uma situação **sociolinguisticamente polarizada** [sublinhado nosso], reforçada pelo fato de

⁴ Desenvolvido na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Brasil. Contem um acervo de entrevistas gravadas nas décadas de 70 e 90 do século XX, num total de 350 horas, com informantes com nível superior completo, nascidos no Rio de Janeiro.

⁵ Coordenado pelo Prof. Anthony Naro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com início em 1979. Mais informações em <http://www.lettras.ufrj.br/peul/historia.html>.

⁶ Outros trabalhos, no âmbito do PB, têm vindo a analisar as variedades populares urbanas. Refira-se, a título de exemplo, o de LUCCHESI, de 2015, sobre «A variação da concordância verbal no português popular da cidade de Salvador».

o nível de escolaridade (...) se associar a outras variáveis, como nível socioeconómico, maior ou menor acesso a bens culturais, maior ou menor contato com indivíduos de diferentes estratos sociais»⁷. Parece, então, existir na sociedade madeirense uma nítida fronteira entre os falantes pouco escolarizados, estigmatizados pela sua linguagem popular⁸, e as elites que se manifestam pelo uso consolidado do PE padrão. Sendo a cidade do Funchal, capital insular, o espaço insular partilhado por estes dois grupos sociais, é também aquele onde é possível observar os seus contrastes relativamente aos comportamentos linguísticos. Este facto leva-nos a considerar a importância da influência do *nível de escolarização* na manutenção ou não de um estado de língua junto dos falantes. As formas de prestígio estão codificadas nas gramáticas normativas e adquirem o estatuto de formas corretas e são transmitidas através do processo de escolarização⁹. Assim, também na sociedade insular, a escola desempenha, na ótica de Pierre Bourdieu¹⁰, um papel destacado como dispositivo ao serviço da manutenção e legitimação de privilégios sociais, e a língua padronizada participa neste processo. Deste modo, quando mais escolarizados mais os falantes têm a possibilidade de adquirirem estas formas linguísticas e estatuto social positivo. Pelo contrário, aqueles que não dispõem na sua gramática das formas codificadas como corretas, usam as que estão em circulação na sua comunidade de fala e tendem, por esse motivo, a serem estigmatizados na escala social e coletivamente avaliados como inferiores. No arquipélago da Madeira, fatores de vária natureza terão levado à construção de variedades madeirenses de PE falado com características muito próprias. De entre eles, são de destacar os que se enquadram no «ciclo de expansão da língua», que decorre entre o século XV e o início do século XVI, e que Ivo Castro explica como sendo:

⁷ BRANDÃO e VIEIRA, 2012, «Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português», p. 1054.

⁸ A linguagem popular, modo de falar “vilão”, tem sido objeto de interesse por parte de estudiosos madeirenses, como dão conta as publicações, entre outras, *Linguagem Popular da Madeira* de Eduardo Antonino Pestana (nas revistas *Língua Portuguesa* e *Revista Lusitana*, entre 1914 e 1940, e posteriormente editado em 1970, num volume intitulado *Ilha da Madeira II – Estudos Madeirenses*), o *Vocabulário Popular do Arquipélago da Madeira* do Padre Fernando Augusto da Silva (1950), ou ainda *Falares da Ilha – Dicionário da Linguagem Popular Madeirense*, de Abel Caldeira, na sua 2.ª edição (1993). Também Filomena Varejão, na sua tese de doutoramento sobre concordância verbal e estratégias de relativização, restringe o seu estudo (2006, *Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu popular*). Neste trabalho, distinguimos dois subtipos de linguagem popular: uma variedade rural e uma variedade urbana, baseado no facto de corresponderem a comunidades de fala com características sociolinguísticas e culturais distintas, ou na perspetiva do sociólogo F. Bourdieu, a dois tipos de práticas sociais, ou *habitus* (BOURDIEU, 1986, «Habitus, Code et Codification», pp. 40-44).

⁹ Sobre a relação entre “standardização” e variação linguística, consultar o artigo de PILLIÈRE e LEWIS, 2018, «Revisiting standardisation and variation».

¹⁰ BOURDIEU, 1996, «L'école conservatrice. Les inégalités devant l'école et devant la culture».

«aquele em que a língua mais radicalmente se transfigura. Enquanto se reestruturava e consolidava dentro de portas, a língua portuguesa começa a expandir-se para fora da Europa, pelo que, a partir de então, é preciso distinguir entre português europeu e português extraeuropeu»¹¹,

assim como os que estão relacionados com a origem geográfica dos seus primeiros povoadores, vindos de várias partes do reino, mas na sua grande maioria do norte¹². Por outro, tanto o isolamento atlântico, ou a discontiguidade insular com Portugal peninsular, como também uma história particular de contactos linguísticos¹³ com vários povos de grande diversidade étnica, nos quais se incluem os escravos africanos, cuja «presença na sociedade teria, forçosamente, algum impacto no favorecimento da simplificação e nivelamento linguísticos, fortalecendo a deriva do português meridional»¹⁴, terão impulsionado o desenvolvimento de variedades do português marcadamente salientes, e cuja origem remonta ao português falado pelos primeiros habitantes no século XV. A padronização do PE, apenas se iniciaria no século XVI, com base numa distanciação «não só do castelhano mas também dos dialetos setentrionais falados pela antiga nobreza portuguesa»¹⁵. O arquipélago da Madeira rapidamente se transformou num espaço multilingue, situação que já caracterizava o Brasil à chegada dos portugueses. As variedades do PE falado na Madeira, como sublinham Brissos, Gillier e Saramago, apresentam, a nível fonético e lexical, um conjunto de «traços característicos inexistentes nos dialetos continentais, que lhe confere um estatuto singular»¹⁶, e que Cintra¹⁷ considera como as que mais se destacam no PE. A realidade linguística do arquipélago da Madeira é ainda marcada por grande diversidade interna, coexistindo no seu território um «complexo conjunto de dialectos de um modo ou de outro distintos e por vezes muito divergentes entre si»¹⁸. De acordo com a nossa hipótese, os traços madeirenses mais originais e distintos tenderiam a manter-se junto dos falantes de variedades rurais como urbanas, com menor contacto com a variedade normativa difundida pela escola, em contraste com as variedades das elites que combinam formas

¹¹ CASTRO, 2006, *Introdução à História do Português*, pp. 84-85.

¹² PINTO e RODRIGUES, 1993, «Aspectos do Povoamento das Ilhas da Madeira e Porto Santo nos Séculos XV e XVI».

¹³ CORNIPS, 2014, «Language contact, linguistic variability and the construction of local identities», pp. 67-90.

¹⁴ CARDEIRA, 2009, «Revisitando a periodização do português: o português médio», p. 112.

¹⁵ CARDEIRA, 2009, «Revisitando a periodização do português: o português médio», p. 111.

¹⁶ BRISSOS, GILLIER e SARAMAGO, 2016, «O problema da subdivisão dialetal madeirense: estudo dialetométrico da variação lexical», p. 32.

¹⁷ CINTRA, 2008, «Os dialectos da ilha da Madeira no quadro geral dos dialectos galego-portugueses», p. 95.

¹⁸ CINTRA, 2008, «Os dialectos da ilha da Madeira no quadro geral dos dialectos galego-portugueses», p. 99.

de prestígio supradialectais com particularidades locais. A descrição e análise destas variedades, encaradas deste ponto de vista, ainda estão por fazer. Este trabalho pretende constituir uma aproximação à caracterização sintática do PE falado e popular no Funchal e um contributo para uma descrição geral das variedades faladas no espaço insular.

2. Para uma Caracterização Sintática da Variedade Popular do Português Falado no Funchal

Todos os trabalhos selecionados para fundamentar empiricamente a proposta de bipolarização sociolinguística das variedades urbanas do PE falado no Funchal, baseados em evidências de natureza sintática, recorrem a amostras retiradas do *Corpus Concordância* ou da sua versão alargada, iniciada após 2012, o *Corpus Sociolinguístico do Funchal* (CSF), com entrevistas realizadas junto de informantes madeirenses naturais e/ou residentes na cidade do Funchal. Têm em comum o facto da variável independente, de natureza extra-linguística, o *nível de escolaridade* dos falantes, resultar como sendo estatisticamente significativa.

Variantes de Terceira Pessoa do Plural (3PP) no Verbo em Contexto de Concordância Verbal

O estudo da aplicação variável da regra de concordância verbal de 3PP é um dos fenómenos morfofonológicos e sintáticos mais estudados nas variedades do português, sobretudo no quadro do projeto internacional *Estudo Comparado dos Padrões de Concordância em Variedades Africanas, Brasileiras e Europeias*¹⁹.

No contexto sintático acima referido, a investigação levada a cabo por Aline Bazenga (2010-2012) permitiu observar 85% de uso de formas com valor de marcação de concordância verbal de 3PP²⁰, percentagem inferior à registada em variedades continentais do PE em outros estudos²¹. Na amostra do Funchal, ficou clara também a

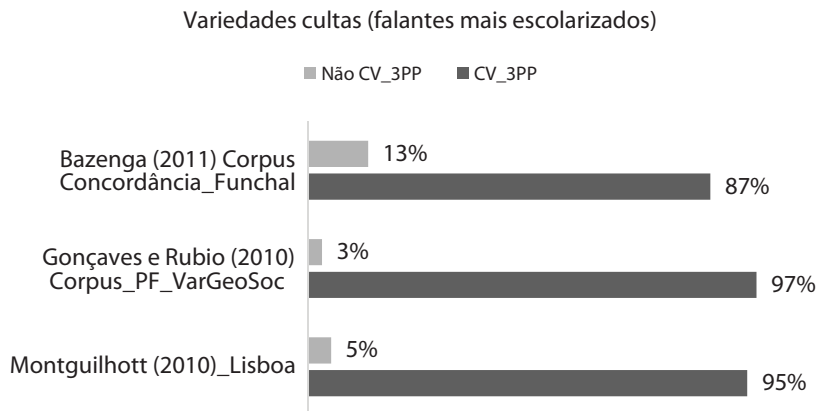
¹⁹ Projeto internacional (2008-2011), coordenado pelas Professoras Maria Antónia Mota (CLUL – Portugal) e Maria Sílvia Rodrigues Vieira (UFRJ – Brasil) e financiado pelo Programa CAPES/GRICES. Mais informações aqui: <http://www.clul.ulisboa.pt/pt/23-investigacao/702-estudo-comparado-dos-padroes-de-concordancia-em-variedades-africanas-brasileiras-e-europeias>.

²⁰ BAZENGA, 2011, «Concordância Verbal e variantes de 3.ª pessoa do plural em PE: Resultados preliminares de um estudo sociolinguístico com base numa amostra de Português Falado no Funchal»; BAZENGA, 2012, «Variation in subject-verb agreement in an insular dialect of European Portuguese».

²¹ VAREJÃO, 2006, *Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu popular*; MONTGUILHOTT, 2010, «Variação da Concordância Verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE»; GONÇALVES e RUBIO, 2010, «Confrontos e Contrastes entre duas variedades lusófonas no emprego da concordância verbal».

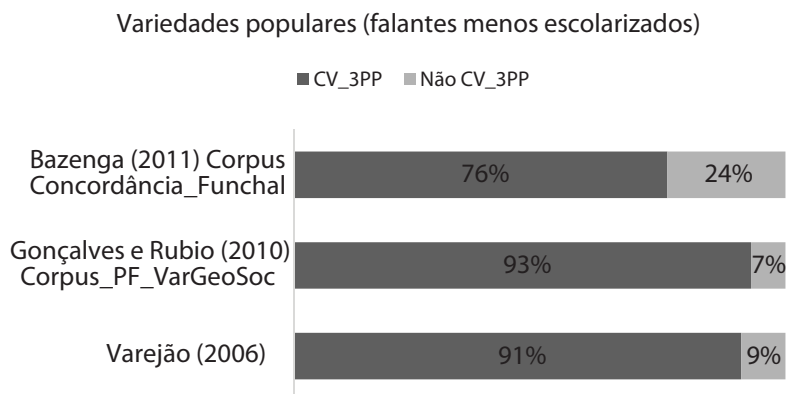
significância do fator *nível de escolaridade*, com um peso relativo de 0.63²². Assim, quando se considera este fator, os falantes mais escolarizados do Funchal exibem percentagens de realização de marcas de concordância verbal, na ordem dos 87%, enquanto os de Lisboa e de outros pontos de inquérito do país, realizam a regra entre 95% e 97%, respetivamente (Gráfico n.º 1).

Gráfico n.º 1 – Realização Variável da Concordância Verbal de 3PP em Variedades Cultas (Falantes Mais Escolarizados) do PE



Já os falantes menos escolarizados apresentam valores substancialmente inferiores, em particular no Funchal (76%), em contraste com os valores registados nas variedades continentais: 91% (Lisboa) e 93% (Variedades geográficas e sociais, com dados de falantes de diversas localidades e com vários perfis sociais) (Gráfico n.º 2).

Gráfico n.º 2 – Realização Variável da Concordância Verbal de 3PP em Variedades Populares (Falantes Menos Escolarizados) do PE



²² Trata-se de uma medida estatística, obtida quando se realiza a análise de dados em termos de *regra variável* no *Goldvarb X*, um modelo de análise multivariada, concebido no âmbito da Sociolinguística Variacionista.

Num trabalho posterior, de 2013, Sílvia Rodrigues Vieira e Aline Bazenga²³, recorrendo também a uma amostra do mesmo *corpus*, mas adotando critérios uniformizados na seleção dos dados, excluindo, por exemplo, algumas construções com os verbos *ser* e *ter*, registam 94,7% de ocorrências com marca de 3PP em contexto de concordância verbal. Este valor, acima do registado nos trabalhos anteriores referidos, situa-se ainda assim numa posição intermédia, quando comparado com os resultados obtidos tanto em amostras de variedades europeias, como brasileiras e africanas: 99,1% (Oeiras) e 99,2% (Cacém) – as duas amostras do PE continental –; 89,1% (Copacabana) e 78,2% (Nova Iguaçu), do português brasileiro (PB); e 93,1% na amostra de São Tomé²⁴. Estes índices gerais permitem observar o contraste entre variedades do português, quanto ao tipo de regra²⁵: as variedades do PE continental caracterizam-se por apresentarem uma regra semicategórica de concordância de terceira pessoa do plural, enquanto as variedades não europeias exibem uma regra variável. Neste conjunto, a variedade do PE do Funchal apresenta um comportamento que se situa no limite entre uma regra semicategórica e variável. Neste estudo, tal como no anterior, o nível de escolaridade dos informantes mostrou também condicionar de forma significativa a variação (Tabela n.º 1).

Tabela n.º 1 – Atuação da Variável *Escolaridade* na Realização da Variante com Ditongo Nasal Padrão em Contexto Sintático de 3PP no PE, em VIEIRA e BAZENGA²⁶

Variedade/Amostra		Nível fundamental (5 a 8 anos)	Nível médio (9 a 11 anos)	Nível superior (12 a 15 anos)
P E	OEI (Oeiras)	411/417 98,6%	386/388 99,5%	657/662 99,2%
	CAC (Cacém)	374/377 99,2%	390/391 99,7%	412/417 98,8%
	FNC (Funchal)	212/236 89,8%	257/268 95,9%	397/410 96,8%

Os falantes licenciados produzem as formas verbais de 3PP padrão, em 96,8%, o que acontece em apenas em 89,8% das ocorrências produzidas por falantes com poucos estudos.

²³ VIEIRA e BAZENGA, 2013, «Patterns of third person plural verbal agreement», pp. 7-50.

²⁴ BRANDÃO e VIEIRA, 2012, «Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português».

²⁵ LABOV, 2003, «Some sociolinguistic principles». Ver, também, a aplicação do conceito de regra variável ao fenómeno de aplicação da concordância verbal de 3PP no trabalho de VIEIRA e BRANDÃO, 2014, «Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português».

²⁶ Em VIEIRA e BAZENGA, 2013, «Patterns of third person plural verbal agreement», p. 19.

Para além dos resultados globais, ficou patente, tanto na primeira investigação como na segunda, que as variedades do PE falado no Funchal se distinguem das variedades urbanas do PE por apresentarem um conjunto de padrões de variantes flexionais de 3PP mais rico, apenas comparável com os dados de subvariedades rurais ou semiurbanas²⁷, dos dialetos setentrionais do PE, de que também faz parte a variedade de Braga, estudada por Celeste Rodrigues²⁸.

Para além das variantes flexionais-padrão do presente do indicativo (*falam*), do pretérito imperfeito do indicativo (*falavam*) e do pretérito perfeito do indicativo (*falaram*) é possível constatar o uso das seguintes variantes não-padrão:

- (i) realização de um ditongo nasal que não está em conformidade com a morfologia do paradigma verbal-padrão (*falem*; *falavem*) ou variante -EM);
- (ii) em vogal oral, resultante da não realização do traço de nasalidade, isomorfa de 3PS (*fala*; *falava*; *falara*), igualmente atestada, ainda que de forma pouco produtiva, em variedades do PE continental, e normalmente analisada como não contendo a marca de número exigida pelo contexto de concordância verbal de 3PP;
- (iii) com uma vogal oral (*falavo*) ou nasal (*falavõ*) em posição verbal final e designadas por variantes -U. A Tabela n.º 2 dá conta desta tipologia com dados que constam do trabalho de Aline Bazenga, publicado em 2015.

Tabela n.º 2 – Variantes Flexionais em Contexto de Concordância Verbal de 3PP (BAZENGA²⁹)

Variantes não-padrão em vogal oral = isomórfica de 3PS		Variante não-padrão em -EM		Variante não-padrão em -U		Variantes-padrão (ditongo nasal -AM / -EM)	
N.º ocorrências (oc.)	%	N.º oc.	%	N.º oc.	%	N.º oc.	%
48 /914	5,3%	75/914	8,2%	8/914	0,9%	783/914	85,7%

As duas variantes (-EM e -U) representam cerca de 9% dos dados, ou seja, 83 em 866 ocorrências totais de marcação explícita da concordância verbal, nos dados analisados e quase o dobro das realizações sem a marca de número de 3PP (5,3%).

²⁷ MOTA *et al.*, 2012, «A concordância de P6 em português falado. Os traços pronominais e os traços de concordância», pp. 161-187; MOTA e VIEIRA, 2008, «Contrastando variedades do português brasileiro e europeu: padrões de concordância sujeito-verbo», pp. 87-113; MOTA, RODRIGUES e SOALHEIRO, 2003, «Padrões flexionais nos pretéritos fortes, em PE falado setentrional», pp. 129-156.

²⁸ RODRIGUES, 2012, «Variantes não-standard e tipo de discurso: (des)encontro de resultados», pp. 215-228, estudo sobre dados retirados do *CPE-Var*, um *corpus* que inclui 180 entrevistas sociolinguísticas de falantes de Lisboa e Braga, coletadas entre 1996 e 1998.

²⁹ Em BAZENGA, 2015, «Concordância de terceira pessoa plural: a variedade insular do PE (Funchal)», p. 82.

A realização em [ẽ] de -EM, que integra o paradigma do presente do indicativo dos verbos com vogal temática (VT)/e/ e /i/, estende-se aos verbos com VT /a/, estabelecendo uma convergência na marcação 3PP. Este processo de nivelamento na marcação de 3PP é também observado nos paradigmas do pretérito imperfeito do indicativo e do pretérito perfeito do indicativo, ilustrados pelos exemplos atestados em (1)-(3):

- (1) Presente do indicativo
 - a. aqueles *carres* [carros] que *andem* [andam] de noite. (C1h);
 - b. os próprios portugueses massacrem [massacram] os outros. (C2m).
- (2) Pretérito imperfeito do indicativo
 - a. tanto é qu'as minhas primas elas *diziem* [diziam]. (B1M);
 - b. eles me *chamavam* [chamavam] madeirense de segunda. (C2m).
- (3) Pretérito perfeito do indicativo
 - a. as casas *caírem* [caíram]. (C1m);
 - b. depois eles *mandarem-me* [mandaram-me] reformar. (C1h).

As variantes com final verbal em -U atestadas e ilustradas em (4), a seguir, incidem, como anteriormente referido, apenas sobre o pretérito imperfeito, sendo produzidas na sua totalidade por um informante da faixa etária dos 36-55 anos, do sexo feminino e com escolaridade básica (B1m)

- (4) a. quando os meus pais *moravo* na casa;
- b. eles *vinho* brincar;
- c. *alevantavo-se* durante a noite cedo.

Atendendo ao conhecimento histórico das mudanças ocorridas no português, a variante em -U (oral ou nasal) da forma padrão 3PP poderá ser considerada “histórica” ou “conservadora”, e deste modo ser associada às vogais nasais existentes no período arcaico da história do PE (-ã, -õ e -ão), antes da convergência em ditongo nasal [ẽw̃], que já no século XVI integrava a variedade-padrão do PE (português literário e língua culta do centro do país), como observa Maria Clarinda Maia³⁰.

³⁰ MAIA, 1986, *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XV*. Fundamentando-se nas observações de Duarte Nunes de Leão, um gramático do século XVI, a autora refere que «a pronúncia -õ era tida pelos gramáticos da época como característica da região interamense», o que leva Rosa Mattos e Silva a supor que durante o processo de convergência teriam convivido “como variantes no diassistema do português o ditongo [ẽw̃], proveniente do etimológico [-anu], e do [ẽ], do etimológico [-ane] e [-ant]; e o ditongo [õw̃] de [õ], do etimológico [-one] e [-unt]”, com a norma que se estabelece no século XVI a selecionar o ditongo [ẽw̃] como forma de prestígio em detrimento do ditongo [õw̃], avaliado negativamente e ainda hoje marcado como “popular, arcaizante e regional». Ver MATTOS e SILVA, 1989, *Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico* e MATTOS e SILVA, 2008, *O português arcaico, uma aproximação*.

As variantes flexionais de 3PP não-padrão realizadas por uma vogal oral isomórfica de 3PS correspondem a 5,3% dos dados atestados na variedade do Funchal. As 49/914 ocorrências deste tipo são produzidas maioritariamente em verbos com VT /a/ e /e/, em contexto de palavra seguinte iniciada por vogal (21 das 29 ocorrências)³¹.

Uma observação mais pormenorizada dos dados evidencia que os informantes com baixa escolaridade são responsáveis por maiores índices de cancelamento de marca de plural e também por maiores valores de produção de variantes não-padrão de 3PP, principalmente em contextos estruturais caracterizados por enunciados com sujeitos antepostos e sujeitos não expressos (Tabela n.º 3).

Tabela n.º 3 – Efeito da Variável *Escolaridade* na Produção de Variantes Não-Padrão Sintático de Concordância Verbal de 3PP (BAZENGA³²)

	Variantes não-padrão -EM e -U		Variantes não-padrão em vogal oral	
	N.º oc.	%	N.º oc.	%
Nível fundamental (5 a 8 anos)	51/82	62,2	20/30	66,6
Nível médio (9 a 11 anos)	31/82	37,8	5/30	16,7
Nível superior (12 a 15 anos)	-		5/30	16,7

A total ausência de ocorrências das variantes em -EM e -U nos dados de fala dos informantes cultos e a percentagem expressiva do seu uso (62,2%) por falantes com pouco estudos, levam-nos a considerá-las como um traço com valor social, como fazendo parte do conjunto de características sintáticas da variedade popular do PE falado no Funchal.

A Variação entre *Nós* e *A Gente*

A fraca implementação da variável concordância verbal em informantes pouco escolarizados, fenómeno não estatisticamente atestado nas variedades continentais

³¹ Nestes paradigmas, a distinção entre 3PS e 3PP na morfologia verbal-padrão resulta apenas da ancoragem ou não do autosegmento nasal /N/. Por outro lado, o contexto [+vogal] corresponde, na sua maioria (15 das 21 ocorrências de variantes -A e -E, realizadas foneticamente pelas vogais átonas [-e] e [-i]), às realizações fonéticas [a] e [e]. Este encontro intervocálico na fronteira de palavra (sândi externo) resulta na elisão das finais verbais átonas e na ressilabificação das duas sílabas em contacto, como em: «as mercearias na altura fechava às onze. (B1m)», ou seja [fiʃave + aʃ] > [fiʃavaʃ].

³² Em BAZENGA, 2015, «Concordância de terceira pessoa plural: a variedade insular do PE (Funchal)», pp. 74-101.

do PE, mas amplamente estudado em variedades do PB, tem paralelo com um outro estudo realizado por Juliana Vianna sobre o fenómeno variável *nós / a gente* em variedades do português, no âmbito da sua tese de doutoramento³³. Os resultados gerais da amostra do Funchal não se distinguem dos verificados nas outras duas amostras do PE continental (Cacém e Oeiras), sendo a forma padrão *nós* (74%) a forma preferencial. No entanto, o uso da forma inovadora *a gente*, como em (5), parece ser mais significativo junto de informantes funchalenses, contabilizando 25%, ou seja 140/541 ocorrências.

(5) isto faz parte da exposição, por isso é *c'a gente não costumamos* vender antúrios, *Ø vendemos* a assim a alguma pessoa ou a um vizinho ou coisa mas *Ø não costumamos* apanhar... (Amostra Funchal: dados 237 e 238, M1C)³⁴.

Também realizado com dados retirados do *corpus* do *Projeto Concordância*, neste trabalho o fator *localidade* tem relevância estatística, distinguindo claramente a variedade insular das duas variedades continentais do PE (Cacém e Oeiras). Foram também controlados três níveis de escolarização (Nível Básico; Nível Secundário; e Nível Superior) de que resultaram os dados que constam da Tabela n.º 4, a seguir.

Tabela n.º 4 – O Fator *Nível de Escolaridade* na Variação entre *Nós* e *A Gente* em Amostras do PE Retiradas do *Corpus Concordância*³⁵

Localidade /Escolaridade do falante		nós		a gente	
		Oc.	%	Oc.	%
Funchal	Nível 1 (Básico)	93/195	48	102/195	52
	Nível 2 (Secundário)	164/196	84	32/196	16
	Nível 3 (Superior)	144/150	96	6/150	4
Cacém	Nível 1 (Básico)	238/352	68	114/352	32
	Nível 2 (Secundário)	104/120	87	16/120	13
	Nível 3 (Superior)	197/219	90	22/196	10
Oeiras	Nível 1 (Básico)	292/335	87	43/335	13
	Nível 2 (Secundário)	216/230	94	14/230	6
	Nível 3 (Superior)	211/222	95	11/222	5

³³ VIANNA, 2011, *Semelhança e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*.

³⁴ VIANNA, 2011, *Semelhança e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*, p. 106.

³⁵ Em VIANNA, 2011, *Semelhança e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*, p. 128.

De um modo geral, conforme constata a autora, «quando se tem em vista o uso de *nós*, em todos os subcorpora do PE, observou-se o aumento percentual do emprego do pronome padrão correlacionado ao aumento de escolaridade»³⁶. A escolaridade dos falantes atua de forma determinante e mais expressiva na amostra do Funchal, que apresenta 52% de ocorrências de *a gente* em informantes poucos escolarizados, contra apenas 32% no Cacém e 13% em Oeiras. Estas discrepâncias, em termos de desempenho linguístico, não são sempre observadas. Quando se tem em consideração os falantes com nível 3 de escolaridade, os valores aproximam-se mais: nas três amostras perfilam-se características semelhantes, com valores de uso de *nós* que oscilam entre os 90% e os 96%. Os resultados desta investigação levam-nos a integrar o uso da forma *a gente* na variedade popular do PE falado no Funchal.

Construção com *Ter Existencial*

A construção com *ter existencial* tem sido referida como uma variável que permite contrastar variedades do português, as do PE e do PB, como nos exemplos a seguir indicados e retirados de Maria Helena Mira Mateus³⁷:

- (6) a. PB: tem fogo naquela casa;
PE: há fogo naquela casa.
- b. PB: no baile tinha muitos homens bonitos;
PE: no baile havia muitos homens bonitos.

Mais concretamente, como referem Yvonne Leite, Dinah Callou e João Moraes, «o uso de *ter* por *haver* tem sido objeto de estudo sistemático e costuma-se dizer que essa substituição, em estruturas existenciais, constitui **uma das marcas que caracterizam o português do Brasil** [sublinhado nosso], afastando-o do português de Portugal e aproximando-o do de Angola e Moçambique»³⁸. Muito estudada no âmbito do PB³⁹, só recentemente esta construção foi objeto de análise no âmbito do

³⁶ VIANNA, 2011, *Semelhança e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*, p. 129.

³⁷ MATEUS, 2002, «Variação e variedades: o caso do Português».

³⁸ LEITE, CALLOU e MORAES, 2003, «Processos de Mudança no Português do Brasil: Variáveis Sociais», p. 101.

³⁹ Entre muitos outros, ver: VIOTTI, 1999, *A sintaxe das sentenças existenciais no português do Brasil*; MATTOS e SILVA, 2002, «Vitórias de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teorias em João de Barros», pp. 17-28; DUARTE, 2003, «O sujeito expletivo e as construções existenciais», pp. 121-131; CALLOU e DUARTE, 2005, «A fixação do verbo ter em contextos existenciais», pp. 149-155; AVELAR, 2006, «De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de HAVER no português brasileiro», pp. 49-74.

PE. O artigo de Ernestina Carrilho e Sandra Pereira⁴⁰, a partir dos dados facultados pelo *CORDIAL-SIN*⁴¹, mostra que esta construção está presente em variedades do PE, nomeadamente nos arquipélagos dos Açores e da Madeira.

Trata-se de uma construção em que o verbo *ter* é usado não com o seu valor de posse, como na gramática da variedade normativa do PE, mas sim como verbo existencial, em vez da variante normativa com *haver*, fenómeno que se encontra ilustrado através dos exemplos, em (7), retirados deste trabalho:

- (7) a. Porque aqui à nossa frente, *tinha* um alto, *tinha* um moinho de vento e não via a casa da minha mãe! (PST16);
- b. Mas *tinha* muitos moinhos por aqui fora. (CLH03).

Também Aline Bazenga⁴² identificou ocorrências desta construção no CSF, de que se fornecem alguns exemplos em (8), o que confirma a vitalidade desta construção:

- (8) a. nunca tive oportunidade só_só italiano lá em baixo no centro onde *tem* [padrão: *há*] um italiano espetacular. (FNC11_HA1);
- b. Porque no Continente *tem* as discotecas onde vai toda a gente e *tem* [padrão: *há*] as discotecas que são escondidas só vai quem quiser. (FNC11_HA2);
- c. no meu trabalho onde eu trabalho onde eu trabalho *tem* [padrão: *há*] muita gente de idade e há velhotes que têm pensões. (FNC11_MB2);
- d. *tem* [padrão: *há*] bastantes colégios aqui na Madeira. (FNC11_MA3 111-2);
- e. *tem* [padrão: *há*] pessoas com estudos e não têm trabalho. (FNC11_MC1.2 177);
- f. na rua dos Ilhéus onde *tem* [padrão: *há*] dez_vinte prédios de apartamentos. (FNC_CH 3.1 102).

A construção com *ter* existencial é marcada pela ausência de um sujeito explícito, com valor impessoal. Atualmente em desuso nas variedades continentais do PE, estava presente na língua portuguesa nos séculos XV e XVI, em concorrência com *haver*, conforme exemplos datados do século XVI dados em (9), com *haver*, e (10), com *ter*, retirados de um estudo de Evani Viotti⁴³.

⁴⁰ CARRILHO e PEREIRA, 2011, «Sobre a distribuição geográfica de construções sintáticas não-padrão em Português europeu», pp. 125-139.

⁴¹ *CORDIAL-SIN*, ou projeto do *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*, iniciado em 1999, e coordenado desde então por Ana Maria Martins, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). Contem dados provenientes de 42 pontos de inquéritos selecionados a partir do Arquivo Sonoro do CLUL, constituído por materiais sonoros provenientes dos projetos de geografia linguística (ALEAç, ALEPG, ALLP, BA).

⁴² BAZENGA, 2012, «Non-dominant Ter (to have) – Existential in Spoken EP of Funchal (Madeira Island)».

⁴³ VIOTTI, 1988, «Uma história sobre “ter” e “haver”», p. 46.

(9) *haver*:

- a. “Hum dos nobres que hy ha ca este aiuda os dous” (AX 120.5);
- b. “Avya hi hua donzella muy fremosa” (CGE 93.12/13);
- c. “Ouve hy muitos mortos e feridos” (CGE 94.17).

(10) *ter*:

- a. “Antre esta coroa darea e esta ilha tem canal pera poder sahir” (MNS 314.2);
- b. “Para cima tendo dous bons canais hum aloeste e outro ao leste” (MNS 324.9);
- c. “Na sua ponta da banda da sua tem hua terra alta” (MNS 326.19).

De acordo com Evani Viotti⁴⁴ e Rosa Virgínia Mattos e Silva⁴⁵, a percentagem de uso da variante com *ter* (42%) em construções de posse já se aproximava da variante com *haver*, no século XV, e atingiria os 86% no século XVI, suplantando o de *haver*, que começa também a ser usado em construções impessoais com valor existencial. Nas variedades do PE continental, observa-se desde essa altura, uma fixação nos usos destes dois verbos: o verbo *ter* em construções de posse e o verbo *haver* em construções existenciais impessoais, o que não ocorre de modo categórico na gramática de alguns falantes madeirenses do PE e em variedades extraeuropeias do português, brasileiras, como referido, mas também africanas⁴⁶.

A investigação de Aline Bazenga⁴⁷, realizada em 2017, sobre este fenómeno variável, numa amostra de 405 ocorrências de *ter* e *haver*, a partir das entrevistas de 12 informantes madeirenses, residentes na cidade do Funchal, extraídas do CSF, mostrou, após o tratamento estatístico processado pelo *Goldvarb X*⁴⁸, em termos de resultados globais, em percentagens, que os falantes preferem o verbo *haver* (69%) numa construção existencial, contra 31% de ocorrências com o verbo *ter*. A Tabela n.º 5 dá conta dos resultados, distribuídos pelas variáveis sociais ou extra-linguísticas.

⁴⁴ VIOTTI, 1988, «Uma história sobre “ter” e “haver”».

⁴⁵ MATTOS, 1989, *Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico*.

⁴⁶ Nomeadamente no Português de Angola – MENDES, 1985, *Contribuição para o Estudo da Língua Portuguesa em Angola*; INVERNO, 2009, *Contact-induced restructuring of Portuguese morpho-syntax in interior Angola*; CHAVAGNE, 2005, *La langue portugaise d'Angola: étude des écarts par rapport à la norme européenne du portugais*; ADRIANO, 2014, *Tratamento morfossintático de expressões e estruturas frásicas do português em Angola* – e do Português de Moçambique – GONÇALVES, 1990, *A construção de uma gramática de português em Moçambique: aspectos da estrutura argumental dos verbos*.

⁴⁷ BAZENGA, 2017, «A variação entre *ter* e *haver* em construções existenciais numa variedade insular do PE (Funchal)».

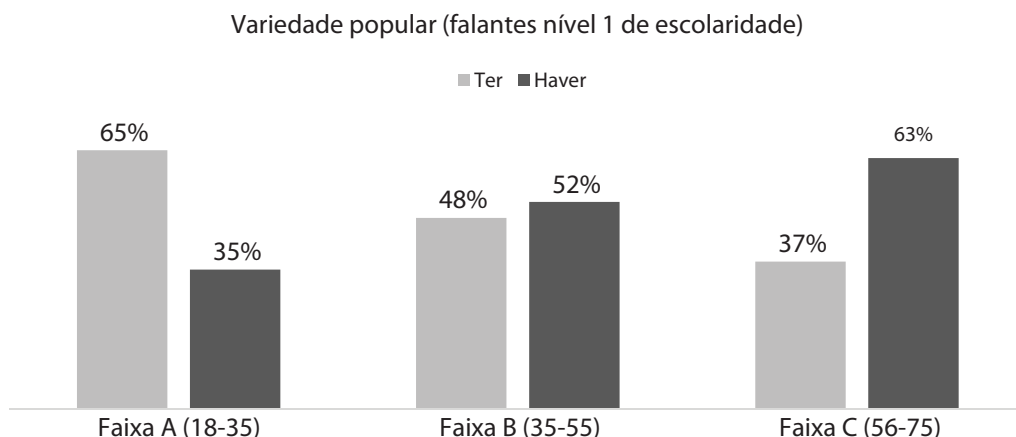
⁴⁸ Trata-se de um programa de estatística, especialmente concebido para análises quantitativas multivariadas de fenómenos linguísticos variáveis. O modelo incorpora a ideia de que os processos linguísticos são influenciados simultaneamente por diversas variáveis independentes (linguísticas e sociais). Ver SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005, *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*.

Tabela n.º 5 – Resultados Globais. Fatores Externos e Internos Relevantes (Pesos Relativos) em Construções Existenciais com *Ter* e *Haver* numa Amostra de 12 Informantes na Variedade do PE Falado no Funchal

Fatores		Percentagens		Ocorrências	
		Ter	Haver	Ter	Haver
Externos	Sexo				
	Homem	31,4	68,6	61/194	133/194
	Mulher	30,8	69,2	65/211	146/2151
	Idade				
	(18-35)	38,4	61,6	28/73	45/73
	(36-55)	35,6	64,4	36/101	65/101
	(56-75)	26,8	73,2	62/231	169/231
	Escolaridade				
	Nível 1	44	56	106/241	135/241
	Nível 3	12.2	87.8	20/164	144/164

Relativamente aos condicionamentos de tipo social, observa-se uma vez mais, que o *nível de escolaridade* condiciona a aplicação da regra variável; são os menos escolarizados (44%) os que mais utilizam a variante não-padrão *ter*. De acordo com os resultados estatísticos extraídos com o programa *Goldvarb X*, a maior probabilidade de ocorrência deste fenómeno situa-se, considerando apenas as variáveis sociais, ao nível dos falantes com poucos estudos (*nível 1 de escolaridade* – e peso relativo no valor de 0.664.) Quando se cruza esta variável com a faixa etária dos informantes é possível observar um aumento acentuado de usos de *ter* (65%) nos mais jovens (Faixa A: 18-35 anos) (Gráfico n.º 3).

Gráfico n.º 3 – Construções Existenciais com *Ter* e *Haver* numa Amostra de PE Falado no Funchal. Informantes com Nível 1 de Escolaridade e Fator *Faixa Etária*

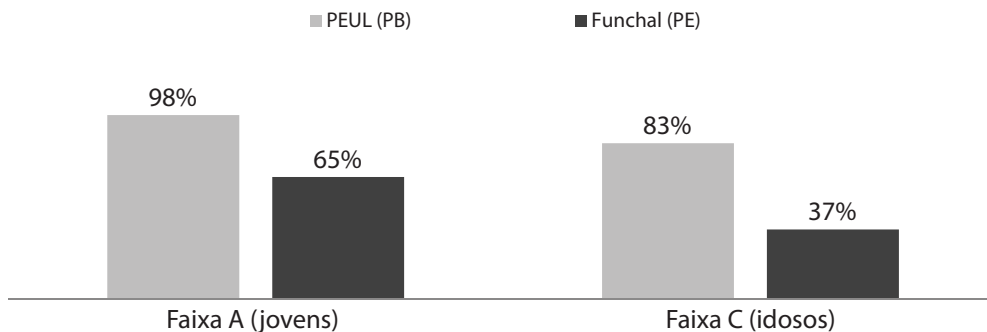


Apesar de não terem sido utilizados rigorosamente os mesmos critérios de análise testados no PB, foi possível estabelecer algumas comparações com os resultados encontrados para esta variedade, em particular, no que se refere aos contrastes sociais, entre falantes pouco escolarizados (*nível 1 de escolaridade* ou, no caso do PB, os que fazem parte do corpus do *PEUL*) (Gráfico n.º 4).

Observa-se, assim, que a variedade popular do PE-Funchal, à qual estão associados os falantes menos escolarizados ou analfabetos, se aproxima da variedade do PB popular, quando se tem em conta o fator *faixa etária* dos informantes, e que representa a percentagem mais elevada de usos de *ter*.

Gráfico n.º 4 – Usos de *Ter*: Comparação de Informantes com *Nível 1 de Escolaridade* (*PEUL* – PB; 6 Informantes PEI-Funchal)

Usos de *ter* – informantes pouco escolarizados (*nível 1*) no PE (Funchal) e no PB (*PEUL*)



Fonte: PB (fala): AVELAR e CALLOU⁴⁹

Ambas as variedades exibem a mesma tendência (Gráfico n.º 4), embora com valores distintos: os jovens são aqueles que maioritariamente produzem *ter* existencial, sendo este fenómeno mais expressivo no PB (98% no estudo realizado por Avelar e Callou)⁵⁰.

A variação *ter/haver* existencial mostra-se, assim, condicionada socialmente e este estudo permite considerar o uso *ter* existencial não-padrão como um indicador popular.

⁴⁹ AVELAR e CALLOU, 2007, «Gramática e Variação no Português Brasileiro: considerações sobre *ter-haver* e *de-em*».

⁵⁰ AVELAR e CALLOU, 2007, «Gramática e Variação no Português Brasileiro: considerações sobre *ter-haver* e *de-em*», pp. 183-197.

Estratégia de Marcação de OD de Terceira Pessoa: Pronome Ele, Clítico Lhe e OD Nulo –

Em 2011, Aline Bazenga realizou uma análise preliminar com amostras do *Corpus Concordância*⁵¹ do fenómeno da realização variável do OD anafórico de terceira pessoa, tendo selecionado como variantes, algumas das estratégias linguísticas referidas na literatura sobre este assunto no âmbito das variedades do PB⁵². Uma dessas estratégias consiste na não realização da posição argumental com função de OD, como ilustrado em (11), fenómeno designado por Objecto Nulo:

- (11) a. [...] faço o jantar *sirvo* [sirvo-o] à família. (FNC11_MA1:010);
b. a minha licenciatura termina-se antes do tempo pretendido_ tive que me enquadrar no bolonha e tive que [a] *acabar* mais cedo. (FNC-MA3.1:013).

Nesta análise identificaram-se ainda ocorrências não só deste fenómeno como também das que correspondem aos usos do pronome *ele* e do clítico *lhe*, de que se dá conta nos exemplos (12) e (13), respetivamente, a seguir:

- (12) a. ponho *ele* [ponho-o] a ver bonecos. (FNC11_MA1 243);
b. meto *ele* [meto-o] a andar de bicicleta. (FNC11_MA1 243);
c. e depois o marido deixou *ela* [deixou-a] e ficou na quinta. (FNC11_MC1.1 453).
(13) a. Tento-*lhe* explicar e *lhe* informar [informá-lo] sobre as coisas. (FNC11_HA1426);
b. Levo-*lhe* [levo-o] à escola. (FNC11_MA1 006);
c. eu não gostava dele nem *lhe* [nem o podia] ver à frente. (FNC11_MA1 204-5).

Para além destas três variantes e a do uso dos clíticos *o*, *a*, *os*, *as*, conforme preconizado pela português-padrão, os falantes recorrem ainda a estratégias de repetição lexical, como ilustrado em (14):

- (14) a. gostava de comprar uma mota_ e os meus pais detestam [detestam-nas] *motas* – (FNC-HA1:004);
b. queria a minha roupa vestia a *minha roupa* [vestia-a]. (FNC11_MA1:067).

Estes dados levaram a que fosse aprofundada posteriormente a sua análise, mas ainda recorrendo a amostras pequenas. Assim, em duas amostras⁵³, constituídas a partir

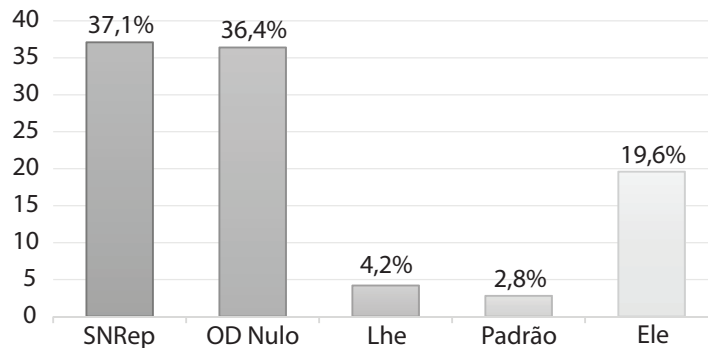
⁵¹ BAZENGA, 2011, «Aspectos do português falado no Funchal e Variedades do Português».

⁵² DUARTE, 1986, *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*; CYRINO, 1997, «O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrónico»; DUARTE, 1995, *A perda do princípio “Evite pronome” no português brasileiro*; FREIRE, 2000, *Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana*; FIGUEIREDO, 2014, «Objeto nulo versus estratégias pronominais no português rural do estado da Bahia e no de Portugal», pp. 81-114.

⁵³ Estes trabalhos foram realizados no âmbito dos seminários de Gramáticas da Pluralidade do Mestrado

do CSF – a amostra OD-Funchal-1 (pouco escolarizados) e a amostra OD-Funchal-C (56-75 anos), ambas com 6 informantes. Os resultados, nas duas amostras, podem ser observados nos Gráficos n.º 5 e n.º 6.

Gráfico n.º 5 – Resultados da Amostra de 6 Informantes Pouco Escolarizados (OD-Funchal-1)

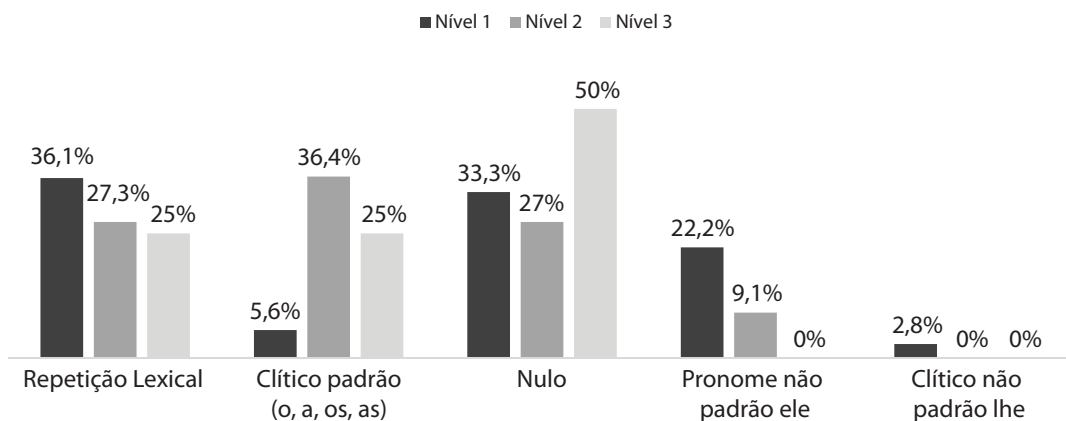


O uso do clítico em função OD (-o, -a, -os, -as e as suas variantes contextuais, -no, -na, -nos, -nas e -lo, -la, -los, -las), e que corresponde à variante-padrão, é a estratégia menos utilizada pelos falantes do Funchal (2,8%), logo seguida à da variante com *lhe* (4,2%). As estratégias preferenciais traduzem-se pelo recurso à repetição lexical (37,1%) e à não-marcação desta função ou OD nulo (36,4%). O uso da variante com *ele* apresenta valores expressivos (19,6%).

O Gráfico n.º 6, a seguir, mostra os resultados quando se aplica o fator *nível de escolaridade* a uma amostra OD-Funchal-C(idosos) 6 de informantes.

Gráfico n.º 6 – OD-Funchal-C(idosos) e Variável Nível de Escolaridade

Realização de OD _informantes (56-75 anos) e factor nível de escolaridade



em Estudos Linguísticos e Culturais da Universidade da Madeira, em 2014, sob a orientação de Aline Bazenga. Aguarda-se a sua publicação através do artigo de BAZENGA, RODRIGUES e ANDRADE, 2016 (no prelo), «Variantes sintáticas (padrão e não-padrão) em Português: representações sociais e atitudes linguísticas de Falantes madeirenses».

Os falantes idosos mais escolarizados (com estudos do ensino superior) não recorrem, por exemplo, à variante com *ele*, muito utilizada por aqueles que têm poucos estudos (22%); inversamente, utilizam a variante-padrão (25%), em contraste com o uso pouco significativo (5,6%) por parte de falantes menos escolarizados.

Tal como nos outros fenómenos anteriormente apresentados, relativamente à variação na marcação de OD anafórico de terceira pessoa, é possível concluir que as formas *ele* e *lhe* constituem boas candidatas a serem consideradas populares, por estarem ausentes das produções linguísticas das elites madeirenses.

3. Considerações Finais

Os fenómenos considerados neste artigo permitem, em nosso entender, sustentar a hipótese de uma bipolarização sociolinguística da comunidade de fala urbana do PE (Funchal). As variedades do PE falado nesta cidade, capital da ilha da Madeira, têm em comum o facto de apresentarem características de urbanidade e insularidade. Os falantes funchalenses partilham as mesmas crenças relativamente ao traço de *madeirensidade*⁵⁴ indexado ao espaço onde habitam e à sua história sociocultural. No entanto, é possível distinguir dois tipos das variedades. As das elites que têm tendência a usarem as formas padrão e as camadas da população que, pelo contrário, tendem a não cumprirem as regras da gramática normativa, e ao uso de formas linguísticas excluídas da norma institucionalizada do PE.

Os usos não-padronizados recebem uma avaliação negativa por parte dos falantes madeirenses de um modo geral, conforme ficou concluído na dissertação de mestrado de Catarina Andrade⁵⁵. Estes usos, apenas produzidos na fala de falantes do Funchal analfabetos e com poucos estudos, tais como *falem* ou *falavo* e de construções do tipo *a gente vamos comer*, *eu vi ele* ou ainda *tem muita gente a estudar na universidade*, constituiriam, em nosso entender, indicadores de localidade e de classe⁵⁶, ou seja, combinariam traços de *madeirensidade*, por se tratarem de formas parcialmente atestadas ou ausentes em variedades do PE continental e de “popularidade”, produzidas tipicamente por este grupo grupo social. Uma história de contacto linguístico, potencialmente geradora de variação e de mudança linguísticas,

⁵⁴ Designação e conceito desenvolvidos inicialmente por RODRIGUES, 2010, «Da insularidade: prolegómenos e contributo para o estudo dos paradigmas da Madeirensidade (1910-1926)», pp. 210-228.

⁵⁵ ANDRADE, 2014, *Crenças, Percepção e Atitudes Linguísticas de Falantes Madeirenses*.

⁵⁶ LABOV, 1972, *Sociolinguistic Patterns*.

e o seu cruzamento com o traço *insularidade*, a moldar a sociedade madeirense, seriam fatores a considerar para explicar os usos de formas linguísticas não prestigiadas do ponto de vista da norma do PE e objeto de estigma social. Numa comunidade de fala com as características marcadas pela *insularidade*, a mudança linguística poderia, assim, ser mais lenta, observando-se uma tendência a preservar as formas fortes e identitárias⁵⁷. Esta tendência pode ser reforçada por uma estrutura social fortemente hierárquica⁵⁸, em que os membros da classe popular, mais densa e mais coesa do que a classe média ou superior⁵⁹, procuram manter os traços linguísticos mais distintivos. As especificidades do contacto linguístico e cultural⁶⁰ a que se assiste no espaço insular, ao longo do tempo e dos seus ciclos económicos, terão certamente sido primordiais para a construção das variedades faladas madeirenses distintas, em vários aspectos, da variedade padrão e das variedades peninsulares do PE.

Em suma, os resultados dos vários estudos apresentados contribuem para confirmar a singularidade do português falado no Funchal, sobretudo nas suas variedades ditas populares e incitam ao aprofundamento da hipótese formulada, através do alargamento da análise a um maior número de fenómenos linguísticos.

Referências Bibliográficas

ADRIANO, Paulino S., 2014, *Tratamento morfossintáctico de expressões e estruturas frásicas do português em Angola*, Tese de Doutoramento, Universidade de Évora, Portugal.

⁵⁷ MILROY e MILROY, 1985, «Linguistic change, social network and speaker innovation», pp. 339-384.

⁵⁸ Desde o início do seu povoamento, pouco depois da sua descoberta, em 1419, e quase um século antes da chegada do português ao Brasil (1500), a história social do arquipélago da Madeira é marcada pela mobilidade humana e por uma bipolarização social, com uma comunidade popular, representada pelo *vilão*, por um lado, e as elites, mais escolarizadas e que procuram fazer uso da variedade padrão do PE, e que continuam a linhagem dos parcos “homens bons” do século XV, de que fala Ernesto Gonçalves no seu texto publicado em 1958 (GONÇALVES, 1958, «Os «Homens Bons» do Concelho do Funchal em 1471», pp. 1-8, 76-82).

⁵⁹ MILROY e MILROY, 1992, «Social network and social class: Toward an integrated sociolinguistic model».

⁶⁰ No final do século XV, ainda no século do povoamento do arquipélago da Madeira, ao lado das comunidades portuguesas e daquelas provenientes de outros espaços europeus (genoveses, flamengos, franceses), estimadas entre 15 mil a 18 000 habitantes, «a comunidade de escravos, oriundos das ilhas Canárias, do norte de África e do Golfo da Guiné, chegou a atingir 2000 pessoas. A sua presença perdurou até 1733, altura em que foi proibida a importação de escravos (SILVA e MENESES, 1984, *Elucidário Madeirense*, vol. I, pp. 405-409; ALBUQUERQUE e VIEIRA, 1987, *O Arquipélago da Madeira no Século XV*; FERRAZ, 1971, «Povoamento e economia da ilha da Madeira no século XV»; PINTO e RODRIGUES, 1993, «Aspectos do Povoamento das Ilhas da Madeira e Porto Santo nos Séculos XV e XVI», pp. 403-472; VIEIRA (coord.), 2001, *História da Madeira*), como referido por BAZENGA, 2016, «Sociedades insulares e identidade: aspetos linguísticos da “madeirensidade” no Atlântico lusófono», p. 220.

- ALBUQUERQUE, Luís de e VIEIRA, Alberto, 1987, *O Arquipélago da Madeira no Século XV*, Funchal, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura.
- ALEAç – *Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores*, SARAMAGO, João (coord.), disponível em http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/projecto_aleac.php.
- ALEPG – *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza*, SARAMAGO, João (coord.), disponível em http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/projecto_alepg.php.
- ALLP – *Atlas Linguístico do Litoral Português*, VITORINO, Gabriela (coord.), disponível em http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/projecto_allp.php.
- ANDRADE, Catarina G., 2014, *Crenças, Perceção e Atitudes Linguísticas de Falantes Madeirenses*, Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais, Funchal, Universidade da Madeira.
- ARAUJO, Silvana S. de F., 2014, «Concordância verbal e formação da realidade sociolinguística brasileira», in *Cuadernos de la Alfal*, n.º 7, pp. 144-184.
- AVELAR, Juanito e CALLOU, Dinah, 2007, «Gramática e Variação no Português Brasileiro: considerações sobre ter-haver e de-em», in LOBO, COUTINHO, Maria Antónia (orgs.), *Textos Seleccionados do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 183-197.
- AVELAR, Juanito e CALLOU, Dinah, 2007, «Sobre a emergência do verbo possessivo em contextos existenciais na história do português», in CASTILLO, Ataliba et. al. (orgs.), *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*, Campinas, Pontes, pp. 375-402.
- AVELAR, Juanito e CALLOU, Dinah, 2011, «Sentenças existenciais e preenchimento de sujeito: indícios de mudança em progresso na fala culta carioca», in SILVA, Augusto Soares da, TORRES, Amadeu e GONCALVES, Miguel (orgs./eds.), *Línguas Pluricêntricas. Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas*, Braga, Publ. da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa / ALETHEIA – Associação Científica e Cultural, pp. 251-263.
- AVELAR, Juanito e CALLOU, Dinah, 2012, «Preservação e mudança na história do português: de possessivo a existencial», in *Madruga*, 19, 30, pp. 224-235.
- AVELAR, Juanito e GALVES, Charlotte, 2013, «Concordância locativa no português brasileiro: questões para a hipótese do contato», in MOURA, Maria Denilda e SIBALDO, Marcelo A. (eds.), *Para a história do português brasileiro*, Maceió, Edufal, pp. 103-132.
- AVELAR, Juanito, 2006, «De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de Haver no português brasileiro», in *Letras de Hoje*, 143, pp. 49-74.
- AVELAR, Juanito, 2006, «Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português brasileiro», in *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 14, n.º 2, pp. 99-143.

- BATISTA, Priscila G., 2012, *Ter e Haver existenciais na fala culta de Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre: do social ao linguístico*, Dissertação de Mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro.
- BAXTER, Alan N., 1998, «O português vernáculo do Brasil – Morfossintaxe», in PERL, Matthias e SCHWEGLER, Armin (eds.), *América negra: panorâmica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*, Frankfurt am Main, Vervuert, pp. 97-134.
- BAZENGA, Aline M., 2011, «Aspectos do português falado no Funchal e Variedades do Português», comunicação apresentada no III SIMELP (*Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*), Universidade de Macau, Macau, China, disponível em https://www.researchgate.net/publication/273203640_Aspectos_do_portugues_falado_no_Funchal_e_Variedades_do_Portugues.
- BAZENGA, Aline M., 2011, «Concordância Verbal e variantes de 3.^a pessoa do plural em PE: Resultados preliminares de um estudo sociolinguístico com base numa amostra de Português Falado no Funchal», in SILVA, Augusto Soares da, TORRES, Amadeu e GONCALVES, Miguel (orgs./eds.), *Línguas Pluricêntricas. Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas*, Braga, Publ. da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa / ALETHEIA – Associação Científica e Cultural, pp. 301-318.
- BAZENGA, Aline M., 2012, «Non-dominant Ter (to have) – Existential in Spoken EP of Funchal (Madeira Island)», comunicação apresentada no II International Conference of WGNV – *Exploring Linguistic Standards in Non-dominating varieties*, Universidad de Salamanca, Salamanca, Espanha, disponível em https://www.academia.edu/1802252/_Nondominat_TER_Existential_to_have_in_Spoken_European_Portuguese_of_Funchal_Madeira_Island_.
- BAZENGA, Aline M., 2012, «Variation in subject-verb agreement in an insular dialect of European Portuguese», in MUHR, Rudolf (ed.), *Non-dominating Varieties of pluricentric Languages. Getting the Picture. In memory of Prof. Michael Clyne*, Wien, Peter Lang, pp. 335-356.
- BAZENGA, Aline M., 2014, «Corpus of Madeira Island, a Spoken Variety of European Portuguese», comunicação apresentada no CILC06 (*6th International Conference on Corpus Linguistic*), Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, Espanha, 22-24 de Maio de 2014, disponível em: https://www.researchgate.net/publication/273203396_Corpus_of_Madeira_island_A_Spoken_Variety_of_European_Portuguese_Linguistic_Universidad_de_Las_Palmas_de_Gran_Canaria_Spain_May_2014.
- BAZENGA, Aline M., 2015, «Concordância de terceira pessoa plural: a variedade insular do PE (Funchal)», in VIEIRA, Sílvia R. (org.), *A concordância verbal em variedades do Português: a interface Fonética-Morfossintaxe*, Rio de Janeiro, FAPERJ/Vermelho Marinho, pp. 74-101.

- BAZENGA, Aline M., 2016, «Sociedades insulares e identidade: aspetos linguísticos da “madeirensidade” no Atlântico lusófono», in FRANCO, José Eduardo (org.), *Grande Dicionário Enciclopédico da Madeira. Volume ante zero*, Lisboa, CLEPUL/INCM, Suplemento da *Revista Letras com Vida*, n.º 7, p. 216-225.
- BAZENGA, Aline M., 2017, «A variação entre *ter* e *haver* em construções existenciais numa variedade insular do PE (Funchal)», in *IV CILH – Homenagem a Ivo Castro*, FLUL, Lisboa, 17-21 de Julho de 2017, disponível em <http://ivo-cilh.lettras.ulisboa.pt/a/campus.ul.pt/4cilh/programa>. DOI: 10.13140/RG.2.2.17638.32321.
- BAZENGA, Aline M., ANDRADE, Catarina e RODRIGUES, Lorena, 2016 (no prelo), «Variantes sintáticas (padrão e não-padrão) em Português: representações sociais e atitudes linguísticas de Falantes madeirenses» in *Atas do IV CIDS (Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística)*.
- BOURDIEU, Pierre, 1986, «Habitus, Code et Codification», in *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 64, pp. 40-44.
- BOURDIEU, Pierre, 1996, «L'école conservatrice. Les inégalités devant l'école et devant la culture», in *Revue Française de Sociologie*, 7, 3, pp. 325-347.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo e VIEIRA, Silvia Rodrigues, 2012, «Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português», in *Alfa*, 56 (3), pp. 1035-1064.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo e VIEIRA, Silvia Rodrigues, 2012, «Concordância nominal e verbal no Português do Brasil e no Português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística», in *Papia*, 22 (1), pp. 7-40.
- BRISSOS, Fernando, GILLIER, Raissa e SARAMAGO, João, 2016, «O problema da subdivisão dialetal madeirense: estudo dialetométrico da variação lexical», in *Textos Seleccionados. XXXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 31-47.
- BRITAIN, David, 2010, «Supralocal Regional Dialect Levelling», in LLAMAS, Carmen e WATT, Dominic (eds.), *Language and Identities*, Edinbourg, Edinbourg University Press, pp. 193-204.
- CALDEIRA, Abel Marques, 1993, *Falares da Ilha – Dicionário da Linguagem Popular Madeirense*, 2.ª ed., Funchal, Editorial Eco.
- CALLOU, Dinah e AVELAR, Juanito, 2000, «Sobre TER e Haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil», in *Gragoatá*, 9, pp. 85-114.
- CALLOU, Dinah e AVELAR, Juanito, 2012, «Preservação e mudança na história do português: de possessivo a existencial», in *Matraga*, v. 19, n.º 30, pp. 224-235.

- CALLOU, Dinah e DUARTE, Maria Eugênia L., 2005, «A fixação do verbo ter em contextos existenciais», in DUARTE, Inês e LEIRIA, Isabel (eds.), *Textos Seleccionados – Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 149-155.
- CARDEIRA, Esperança, 2009, «Revisitando a periodização do português: o português médio», in *Domínios de Lingu@gem*, ano 3, n.º 2, pp. 103-115.
- CARRILHO, Ernestina e PEREIRA, Sandra, 2011, «Sobre a distribuição geográfica de construções sintácticas não-padrão em Português europeu», in COSTA, Armanda, BARBOSA, Pilar e FALÉ, Isabel (eds.), *Textos seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, CD-ROM, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 125-139.
- CARRILHO, Ernestina e PEREIRA, Sandra, 2013, «On the areal dimension of non-standard syntax: Evidence from a Portuguese dialect corpus», in BARYSEVICH, Alena, D'ARCY, Alexandra e HEAP, David (eds.), *Proceedings of Methods XIV (Papers from the Fourteenth International Conference on Methods on Dialectology 2011)*, Bamberger Beiträge zur englischen Sprachwissenschaft / Bamberg Studies in English Linguistics 57, pp. 69-79.
- CARRILHO, Ernestina, 2003, «Ainda a 'unidade e diversidade da língua portuguesa': a sintaxe», in CASTRO, Ivo e DUARTE, Inês (eds.), *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mateus*, v. 1, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 19-41.
- CASTRO, Ivo, 2006, *Introdução à História do Português*, Lisboa, Colibri.
- CHAMBERS, Jack K., 2004, «Dynamic Typology and Vernacular Universals», in KORTMANN, Bernd (ed.), *Dialectology Meets Typology. Dialect Grammar from a Cross-Linguistic Perspective*, Berlin, New York, Mouton de Gruyter, pp. 127-145.
- CHAVAGNE, Jean-Pierre, 2005, *La langue portugaise d'Angola: étude des écarts par rapport à la norme européenne du portugais*, Tese de doutoramento, Université Lumière Lyon 2, disponível em http://demeter.univ-lyon2.fr/sdx/theses/lyon2/2005/chavagne_jp.
- CINTRA, Luís Filipe, 2008, «Os dialectos da ilha da Madeira no quadro geral dos dialectos galego-portugueses», in FRANCO, José Eduardo (coord.), *Cultura Madeirense. Temas e Problemas*, Porto, Campo das Letras, pp. 95-104.
- CORDIAL-SIN – *The Syntax-oriented Corpus of Portuguese Dialects*, A. M. Martins (coord.), disponível em http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/projecto_cordialsin_corpus.php.
- CORNIPS, Leonie, 2014, «Language contact, linguistic variability and the construction of local identities», in AFARLI, Tor A. e MAEHLUM, Brit (eds.), *The Sociolinguistics of Grammar*, Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins, pp. 67-90.

- CYRINO, Sonia M. L., 1997, *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático, e diacrônico*, Londrina, UEL.
- DUARTE, M. Eugênia L. 2003, «O sujeito expletivo e as construções existenciais», in RONCARATI, Claudia e ABRAÇADO, Jussara (orgs.), *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*, São Paulo, 7 Letras, pp. 123-131.
- DUARTE, M. Eugênia L., 1986, *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*, Dissertação de Mestrado, São Paulo.
- DUARTE, M. Eugênia L., 1995, *A perda do princípio "Evite pronome" no português brasileiro*, Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- ELEUTÉRIO, Silvia, 2003, *A variação ter/haver: documentos notariais do século XVII*, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- FERRAZ, Maria de Lourdes de Freitas, 1971, «Povoamento e economia da ilha da Madeira no século XV», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, v. 3, pp. 13-53.
- FIGUEIREDO, Maria Cristina, 2014, «Objeto nulo versus estratégias pronominais no português rural do estado da Bahia e no de Portugal», in *Revista Confluência*, n.º 46, pp. 81-114.
- FRANCHI, Carlos, NEGRÃO, Esmeralda, e VIOTTI, Evani, 1998, «Sobre a gramática das sentenças impessoais com TER/HAVER», in *Delta*, 14, pp. 105-144.
- FREIRE, Gilson Costa, 2000, *Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana*, Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas / Língua Portuguesa, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.
- GANDRA, Ana S., 2009, «A concordância verbal no português europeu rural», in OLIVEIRA, Klebson, SOUZA, Hirão F. C. e GOMES, Luis (orgs.), *Novos Tons de Rosa... para Rosa Virgínia Mattos e Silva*, Salvador, EDUFBA, pp. 142-161.
- GONÇALVES, Ernesto, 1958, «Os «Homens Bons» do Concelho do Funchal em 1471», in *Das Artes e da História da Madeira*, 5, 28, pp. 1-8, 76-82.
- GONÇALVES, Perpétua, 1990, *A construção de uma gramática de português em Moçambique: aspectos da estrutura argumental dos verbos*, Dissertação de Doutorado, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite e RUBIO, Cássio Florêncio, 2010, «Confrontos e Contrastes entre duas variedades lusófonas no emprego da concordância verbal», in MARÇALO, M.^a João, LIMA-FERNANDES, M.^a Célia, ESTEVES, Elisa, FONSECA, M.^a Céu, GONÇALVES, Olga et al., (eds.), *Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*, pp. 158-179, disponível em: <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg5/17.pdf>.

- GUY, Gregory, 1989, «On the nature and origins of Popular Brazilian Portuguese», in *Ponencias Presentadas en el 45 Congreso Internaciona de Americanistas: Estudios sobre Español de América y Lingüística Afroamericana*, Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, pp. 226-244.
- INVERNO, Liliana, 2009, *Contact-induced restructuring of Portuguese morpho-syntax in interior Angola*, Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- JON-AND, Anna, AVELAR, Juanito e LOPEZ, Laura, 2017, «Contact, variation and change in Angolan Portuguese: the case of existential constructions in Cabinda», in *Bulletin of Hispanic studies*, abstract disponível em <http://www.diva-portal.se/smash/record.jsf?pid=diva2%3A1096138&dswid=-4112>.
- LABOV, William, 1972, *Sociolinguistic Patterns*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- LABOV, William, 1994, *Principles of linguistic change: Internal factors*, Cambridge, MA, Blackwell.
- LABOV, William, 2001, *Principles of linguistic change: social factors*, Oxford, Blackwell.
- LABOV, William, 2003, «Some sociolinguistic principles», in PAULSTON, Christina B. e TUCKER, G. Richard (eds.), *Sociolinguistics: the essential readings*, Massachusetts, Blackwell Publishing, pp. 234-250.
- LEITE, Yonne, CALLOU, Dinah e MORAES, João, 2003, «Processos de Mudança no Português do Brasil: Variáveis Sociais», in CASTRO, Ivo e DUARTE, Inês (eds.), *Razões e Emoção. Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, vol. 1, Lisboa, INCM, pp. 87-114.
- LUCCHESI, Dante, 2015, «A variação na concordância verbal no português popular cidade de Salvador», in *Estudos Linguísticos e literários*, n.º 52, pp. 166-204.
- LUCCHESI, Dante, BAXTER, Alan e RIBEIRO, Ilza (orgs.), 2009, *O Português Afro-Brasileiro*, Salvador, EDUFBA.
- MAIA, Clarinda A., 1986, *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*, ed. 1, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MARINS, Juliana E., 2013, *As repercussões da remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo: um estudo diacrônico das sentenças existenciais com ter e haver no PB e no PE*, Tese de Doutoramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MARTINS, Ana Maria, 2003, «Variação e Mudança no Português», in *A Língua Portuguesa: Actas dos IX Cursos Internacionais de Verão de Cascais – 2002*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais & Instituto de Estudos Sociais, pp. 29-44.

- MARTINS, Ana Maria, 2009, «Subject doubling in European Portuguese dialects: The role of impersonal se», in ABOH, Enoch O., LINDEN, Elisabeth van der, QUER, Joseph e SLEEMAN, Petra (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2007*, Amsterdam & Philadelphia, John Benjamins, pp. 179-200.
- MARTINS, Ana Maria, 2016, «O Português numa perspetiva diacrónica e comparativa», in MARTINS, Ana Maria e CARRILHO, Ernestina (eds.), *Manual de linguística portuguesa*, Berlim, New York, De Gruyter, pp. 1-40.
- MATEUS, Maria Helena M., 2002, «Variação e variedades: o caso do Português», in GROSSE, Sybille e SCHÖNBERGER, Axel (eds.), *Ex Oriente lux. Festschrift für Eberhard Gärtner zu seinem 60. Geburtstag*, Frankfurt am Main, Valentia, pp. 287-296.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia, 1989, *Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia, 1997, «Observações sobre a variação no uso dos verbos ser, estar, haver, ter no galego-português ducentista», in *Estudos lingüísticos e literários*, 19, pp. 253-285.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia, 2002, «Vitórias de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teorias em João de Barros», in MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia e FILHO, A. Venâncio (eds.), *O Português Quinhentista – Estudos Lingüísticos*, Salvador, EDUFBA/UEFS, pp. 17-28.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia, 2008, *O português arcaico, uma aproximação*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- MENDES, Beatriz C., 1985, *Contribuição para o Estudo da Língua Portuguesa em Angola*, Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MILROY, James e MILROY, Lesley, 1985, «Linguistic change, social network and speaker innovation», in *J. Linguistics*, 21, pp. 339-384.
- MILROY, James e MILROY, Lesley, 1992, «Social network and social class: Toward an integrated sociolinguistic model», in *Language in Society*, 21, pp. 1-26.
- MONTGUILHOTT, Isabel, 2010, «Variação de Concordância Verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE», in *Anais do IX Encontro do CELSUL*, Palhoça, SC, 2010, Universidade do Sul de Santa Catarina.
- MOTA, Maria Antónia e VIEIRA, Sílvia Rodrigues, 2008, «Contrastando variedades do português brasileiro e europeu: padrões de concordância sujeito-verbo», in GONÇALVES, C. A. e ALMEIDA, M. L. L. (orgs.), *Língua portuguesa. Identidade, Difusão e Variabilidade*, UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, pp. 87-113.
- MOTA, Maria Antónia et al., 2012, «A concordância de P6 em português falado. Os traços pronominais e os traços de concordância», in *Papia*, 22(1), pp. 161-187.

- MOTA, Maria Antónia, RODRIGUES, M. Celeste e SOALHEIRO, Elisabete, 2003, «Flexionais nos pretéritos fortes em PE falado setentrional», in CASTRO, Ivo e DUARTE, Inês (orgs.), *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 129-156.
- NARO, Anthony J. e SCHERRE, M. Marta, 2003, «O conceito de transmissão lingüística irregular e as origens estruturais do português brasileiro: um tema em debate», in RONCARATI, Claudia e ABRAÇADO, Jussara (orgs.), *Português brasileiro: contacto lingüístico, heterogeneidade e história*, Rio de Janeiro, 7 Letras, pp. 285-302.
- NARO, Anthony J. e SCHERRE, M. Marta, 2007, *Origens do português brasileiro*, São Paulo, Parábola.
- NURC – *Projeto Norma Linguística Urbana Culta – RJ*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, disponível em <http://www.nurcrj.lettras.ufrj.br/>.
- OLIVEIRA, Klebson e LOBO, Tania (eds.), 2009, *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX*, Salvador, EDUFBA.
- PEREIRA, Sílvia Afonso, 2014, «A sintaxe na classificação dos dialetos portugueses», in *Textos Seleccionados, XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, APL, pp. 445-464.
- PERES, João e MÓIA, Telmo, 1995, *Áreas críticas da língua portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- PESTANA, Eduardo Antonino, 1970, *Ilha da Madeira – Estudos Madeirenses*, vol. II, Funchal, Câmara Municipal do Funchal.
- PEUL – *Programa de Estudos sobre o Uso da Língua*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/peul/index.html>.
- PILLIÈRE, Linda e LEWIS, Diana, 2018, «Revisiting standardisation and variation», in *E-rea. Revue électronique d'études sur le monde anglophone*, 15.2, disponível em: <https://journals.openedition.org/erea/6391>.
- PINTO, Maria Luís Rocha e RODRIGUES, Teresa Ferreira, 1993, «Aspectos do Povoamento das Ilhas da Madeira e Porto Santo nos Séculos XV e XVI», in *Actas do III Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, CEHA, pp. 403-472.
- Projeto Estudo comparado dos Padrões de Concordância em Variedades Africanas, Brasileiras e Europeias*, CLUL (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa) e UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), disponível em <http://www.clul.ulisboa.pt/pt/23-investigacao/702-estudo-comparado-dos-padroes-de-concordancia-em-variedades-africanas-brasileiras-e-europeias>.
- RODRIGUES, Lorena e BAZENGA, Aline, 2017, «A categoria caso nos pronomes pessoais de terceira pessoa: “estou estudando ela” em perspectiva sociolinguística», in FERREIRA, António Manuel et al. (eds.), *Pelos mares da língua portuguesa 3*, Universidade de Aveiro, UA Editora, pp. 981-993.

- RODRIGUES, M. Celeste, 2012, «Variantes não-standard e tipo de discurso: (des)encontro de resultados», in COSTA, Armanda e DUARTE, Inês (eds.), *Nada na linguagem lhe é estranho. Estudos em homenagem a Isabel Faria*, Edições Afrontamento, Porto, pp. 215-228.
- RODRIGUES, Paulo Miguel, 2010, «Da insularidade: prolegómenos e contributo para o estudo dos paradigmas da Madeirensidade (1910-1926)», in *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, n.º 2, pp. 210-228.
- SAMPAIO, Maria Lúcia P., 1978, *Estudo diacrônico dos verbos TER e HAVER, duas formas em concorrência*, São Paulo, Assis, disponível em <https://pt.scribd.com/document/159053795/Estudo-Diacronico-Dos-Verbos-TER-e-HAVER-Maria-Lucia-Pinheiro-Sampaio>, acedido em 10.11.2017.
- SANKOFF, David, TAGLIAMONTE, Sali A. e SMITH, Eric, 2005, *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*, Department of Linguistics, University of Toronto.
- SCHERRE, M. Marta, 2012, «Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista», in *Tabuleiro de Letras*, 4, disponível em http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_04/pdf/no04_artigo09.pdf.
- SEGURA, Maria Luísa e SARAMAGO, João, 1990, «Açores e Madeira: Autonomia e Coesão Dialectais», in FARIA, Isabel Hub (org.), *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, Lisboa, Edições Cosmos, pp. 707-738.
- SEGURA, Maria Luísa, 1987, *A Fronteira Dialectal do Barlavento do Algarve*, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- SEGURA, Maria Luísa, 2003, «Variação dialectal em território português. Conexões com o Português do Brasil», in BRANDÃO, Sílvia e MOTA, Maria Antónia (orgs.), *Análise Contrastiva de Variedades do Português. Primeiros Estudos*, Rio de Janeiro, In-Fólio, pp. 181-196.
- SEGURA, Maria Luísa, 2013, «Variedades dialetais do Português Europeu», in RAPOSO, Eduardo B. Paiva et al. (orgs.), *Gramática do Português*, vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 85-142.
- SILVA, António Marques da, 1953-1958, «Linguagem Popular da Madeira», in *Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa*, jul. 1952, pp. 227-228; fev. 1953, pp. 91-92; jul. 1954, pp. 315-316; jul. 1955, pp. 324-325; jan. 1956, pp. 20-21; abr. 1956, pp. 156-157; fev. 1957, pp. 63-64 e 67; jun. 1957, pp. 271-273; jun. 1958, pp. 169-170 e 189.
- SILVA, Fernando Augusto da, 1950, *Vocabulário Popular do Arquipélago da Madeira: Alguns Subsídios para o Seu Estudo*, Funchal, Junta Geral do Funchal.

- SILVA, Fernando Augusto da e MENESES, Carlos Azevedo de, 1984, *Elucidário Madeirense*, vol. I, Funchal.
- TAGLIAMONTE, Sali A., 2006, *Analysing sociolinguistic variation*, Cambridge, Cambridge University Press.
- TARALLO, Fernando, 1993, «Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias», in ROBERTS, Ian e KATO, Mary (eds.), *Português Brasileiro, uma viagem diacrônica*, Campinas, Editora da Unicamp, pp. 35-68.
- VAREJÃO, Filomena, 2006, *Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu popular*, Dissertação de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas, 2011, *Semelhança e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*, Tese de doutorado em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras /UFRJ, Brasil.
- VIEIRA, Alberto (coord.), 2001, *História da Madeira*, Funchal, Secretaria Regional de Educação.
- VIEIRA, Sílvia e BRANDÃO, Sílvia, 2014, «Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português», in *Lingüística*, 30 (2), pp. 81-112.
- VIEIRA, Sílvia e BAZENGA, Aline, 2013, «Patterns of third person plural verbal agreement», in *Journal of Portuguese Linguistics*, vol.12.2, pp. 7-50.
- VIOTTI, Evani, 1988, «Uma história sobre “ter” e “haver”», in *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 34, pp. 41-50.
- VIOTTI, Evani, 1999, *A sintaxe das sentenças existenciais no português do Brasil*, Tese de Doutorado, USP, São Paulo.
- WEINREICH, Uriel, LABOV, William e HERZOG, Marvin, 1968, «Empirical foundations for a theory of language change», in LEHMANN, Winfred P. e MALKIEL, Yakov (eds.), *Directions for historical linguistics*, Austin, University of Texas Press, pp. 97-195.